

**“Esses livros eram meus filhos”:
ensaio de análise de uma biblioteca pessoal**

Carolina Cechella Philippi

Doutora em Educação – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-6121-254X>

E-mail: carolinacechella@gmail.com

Resumo: Este artigo tomou como objeto a série de vinte e cinco livros da coleção “Biblioteca das Moças” presente em um arquivo pessoal doado pela colecionadora. Teve como objetivos a problematização do hábito de leitura acessado, relacionando-o à formação de uma sensibilidade romântica pela via da leitura de romances. Para além disso, abordou as dedicatórias presentes em dezessete livros da série documental organizada para rastrear os afetos envolvidos no ato de leitura e colecionismo. Apresenta, como considerações finais, ponderações a respeito do estatuto teórico e metodológico das bibliotecas pessoais para estudos da história da leitura e da educação. Considera, por fim, necessária a valorização das leituras domésticas para acesso a práticas de colecionismo de mulheres e questiona narrativas acerca da centralidade da lógica escolarizada para aquilatar práticas de leitura e escrita.

Palavras-chave: Biblioteca pessoal; História da leitura; Arquivo pessoal; Leitura de romances; Leitura feminina.

“These books were my sons”: analysis of a personal library

110

Abstract: This article thematises a documental series composed of twenty-five books owned to “Biblioteca das Moças”, donated by its books collector. It has as objective to problematize the reading habits accessed, relating it with the formation of a romantic sensibility through the lecture of novels. In addition, analysed the dedications found in seventeen books of the documental series organized to localize the affections inside the acts of reading and collecting. Presents as conclusions some considerations about the theoretical and methodological statute of the personal libraries to studies in History of Reading and History of Education. Considers, finally, the necessary valorisation of the domestic reading to access the practices of women’s collecting and to make questions about the centrality of the schooling to understand the logics of writing and reading.

Keywords: Personal library; History of Reading; Private archive; Novel’s Reading; Women’s reading.

Texto recebido em: 11/05/2020

Texto aprovado em: 16/11/2020

Introdução

O livro exerce uma atração multiforme,
que vai muito além da leitura,
embora esta seja um ponto de partida fundamenta (MINDLIN, 1997, p. 15).

É do bibliófilo brasileiro José Mindlin (1914-2010) a frase que nuança as diferentes formas de atração que o livro é capaz de exercer sobre aquele que o coleciona. Para ele, o encanto do impresso ultrapassa o gosto pela leitura e resvala na sedução de suas formas e temas, para além da atração exercida pelo próprio gesto de colecionar. Não supreendentemente, foi José Mindlin um dos maiores bibliófilos brasileiros e também um dos responsáveis pela formação, organização e institucionalização da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, localizada no campus da Universidade de São Paulo (USP) (A BIBLIOTECA; SANTOS, 2016).

Em que pese a especificidade da experiência de colecionador de José Mindlin, atravessada por uma longa inserção no mercado editorial e por uma característica atração por volumes raros, há alguns aspectos de suas práticas de colecionador que encontram eco em demais bibliotecas. Dentre elas, destaca-se a acumulação de impressos conforme critérios pré-estabelecidos e seu posterior acondicionamento, seja para consulta ou salvaguarda. Para Gonçalves (2006), chama-se “coleção” o acervo reunido em função da vontade do colecionador, podendo abrigar materiais de diversos temas e procedências. Centra-se, portanto, na “vontade de colecionar” e quem a acumula. Há também, para Menezes (1998, p. 97), o necessário caráter de interlocução dos documentos e acervos pessoais por meio do qual a subjetividade do colecionador passa a ocupar o espaço público.

O ato de colecionar, pois, possui uma historicidade que lhe é própria. Por conseguinte, mobiliza em historiadores e historiadoras um leque teórico e metodológico específico. A esse movimento Ângela da Castro Gomes (1998, p. 121-127) creditou a emergência de novos objetos e fontes de pesquisa, tais quais os arquivos pessoais. É a partir de então que se habilita a incorporação de novas metodologias e a renovação teórica do campo historiográfico. Também para ela, a validação teórica e metodológica do estudo de arquivos pessoais dialogou com a valorização da lógica das ações individuais como tema para a história (1998, p. 124). Todavia, a mesma autora faz uma ressalva a respeito da necessidade fulcral de manutenção do crivo teórico e metodológico do historiador, cabendo a ele operar de maneira a tomar o arquivo analisado não somente como *fonte*, mas como *objeto* para a escrita da história (1998, p. 126).

É por essa via, conforme Gomes (1998), que o pesquisador escapa das “malhas do feitiço” dos acervos, coleções e arquivos pessoais. Corrobora assim com Menezes (1998, p. 96) quando entende que, mais que representações de trajetórias

personais, os objetos presentes em uma coleção individual funcionam como vetores de elaboração de subjetividades e devem ter seu estudo operacionalizado considerando seu contexto performático. Para ele, pois, o ato de colecionar e a coleção que dele resultam são resultados de uma interação, estando ela inexoravelmente vocacionada para o espaço público (1998, p. 97).

Em que pesem as ressalvas acerca dos encantos dos arquivos pessoais – dentre os quais, as coleções –, os supracitados autores sinalizam para a elaboração de subjetividades pela via das práticas de arquivamento e colecionismo. A esse respeito, são válidas as assertivas de Maria Teresa Santos Cunha ao tematizar os arquivos pessoais dos irmãos José Arthur e Lucas Alexandre Boiteux. Para ela, esse objeto “evidenci[ou] práticas de colecionismo relativas à constituição de sujeitos protagonistas de enredos políticos e culturais próprios de uma elite letrada” (CUNHA, 2019, p. 20). Assim sendo, nomeou como tônica de seus arquivos a “necessidade de construção de homens públicos modelares” que dão rastros sobre suas trajetórias de escolarização e do universo material e mental das elites catarinenses (CUNHA, p. 20-21). Em outros termos, o arquivo de dois proeminentes personagens políticos abrigou rastros de suas inserções partidárias, posicionamentos políticos e trajetórias de escolarização, nesse caso, marcadamente elitizadas.

Da mesma forma, uma coleção ou arquivo pessoal organizada em torno de critérios individuais de seleção e acumulação dá os rastros dos trânsitos afetivos, profissionais e políticos de seu organizador. Nesse caso, o arquivo pessoal revisitado para escrita deste artigo foi organizada por uma mulher, catarinense, nascida no segundo quartel do século XX. Seu perfil de leitura dialoga com a escolarização vivenciada no Grupo Escolar local e com a formação de uma subjetividade e sensibilidade feminina específica. Sua biblioteca, portanto, não forneceu perfis de inserções partidárias ou sociabilização com personagens políticos. Porém, informa sobre as rotinas de leitura de uma jovem moça interiorana e sobre os ecos de uma subjetividade aquilatada para a ocupação do espaço conjugal e doméstico.

Se, para Chartier, as bibliotecas pessoais permitem compreender perfis de leitores, são suas fronteiras as responsáveis pela demarcação de gostos pessoais e pela preservação de determinadas narrativas (CHARTIER, 1998, p. 72-73). É, portanto, parte do esforço do historiador pensar a biblioteca como uma das formas de ordenação do mundo operada pelo leitor, resultando assim de processos históricos e sociais (Idem). Nesse caso específico, cabe insistir em uma leitura da

biblioteca aqui revisitada que leve em conta as especificidades das práticas de leitura e colecionismo femininas da primeira metade do século XX. Esse ponto é central não somente por se tratar de um arquivo aglutinado, organizado e salvaguardado por uma mulher, mas por entender que as práticas de colecionar informam os trânsitos sociais de seus colecionadores e colecionadoras. A esses trânsitos, pois, não se pode furtar as clivagens operadas de acordo com o gênero do colecionador.

Sendo assim, esse artigo tem como objeto uma série de 25 livros da coleção “Biblioteca das Moças” presente em um arquivo pessoal aglutinado e organizado pela leitora Eufrásia quando no início da idade adulta. Interessou rastrear sua cartografia de leituras e o território dos afetos que se fez ver, principalmente, pela ocorrência de dedicatórias em alguns volumes. Para tanto, organiza-se apresentando aspectos da trajetória e da escolarização da colecionadora e, em seguida, mapeando a série de livros aqui apresentada. Problematizou-se, portanto, o rol de leituras acessado pela então jovem Eufrásia e a dinâmica de aquisição dos livros. Defende, por fim, a centralidade da organização e análise das bibliotecas pessoais sobretudo para acessar o universo de leituras femininas do início do século, entendendo-a como uma forma de elaboração de subjetividades voltadas para o espaço doméstico.

Traços de uma leitora

“O livro exerce sobre mim uma atração física” (MINDLIN, 1997, p. 22).

Eufrásia era, essencialmente, uma moça que lia. Embora a aquisição de sua biblioteca pessoal tenha sido mediada pela vontade de leitura, a atração física do impresso não passou despercebida. Com o tempo, tamanha atração resvalou em uma relação afetuosa com os livros que acumulou ao longo da vida. Esse afeto foi tamanho que, comumente, a colecionadora se referia a eles ressaltando serem “esses livros, os meus filhos”.

Nascida no outono de 1926¹ na cidade de Tubarão, foi lá que comprou a maioria dos impressos que carinhosamente apelidou de “livros-filhos”. Apesar de interiorana, os dados estatísticos a respeito da instrução pública tubaronense já na década de 1930 assinalam para o significativo número de instituições escolares. Em

1935, a cidade contava com 50 escolas, entre subvencionadas e municipais. Para além disso, na ocasião também eram mantidas pelo Estado mais vinte escolas isoladas e dois Grupos Escolares (INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1935, s/p). A localização geográfica da cidade, no entroncamento das principais vias rodoviárias do sul catarinense já naquela época², facilitava também o deslocamento para outros pontos de Santa Catarina e até mesmo do Rio Grande do Sul. Essa relativa facilidade de transporte, já naquela época, colaborou para que alguns dos livros de Eufrásia fossem angariados nas capitais próximas, nomeadamente em Porto Alegre ou Florianópolis.

Os anos passados estudando no Grupo Escolar Hercílio Luz não foram muitos – ingressou tardiamente no Ensino Primário, e saiu assim que terminou o Ensino Complementar³. Ao falar da escola, listou boas recordações e enumerou itens dos espaços físicos que ocupou: a carteira, o quadro negro, o pátio, a biblioteca. Ao ingressar no Grupo já sabia ler. Isso se deveu ao fato de fazer o dever de casa com a irmã mais velha, já estudante, desde antes de iniciar a vida escolar. Desta maneira, a alfabetização ensinada na instituição não a mobilizou. Tampouco sua biblioteca.

A biblioteca escolar, segundo Eufrásia, tinha pouco espaço para leitura, servindo apenas para alugar livros. Era-lhe, portanto, pouco atraente. Essa, fundada em agosto de 1937 e organizada pela professora Antônia Teixeira Collaço, não fazia parte do espaço físico original da instituição, inaugurada em 1920 (NOSSA HISTÓRIA, s/d, s/p). Na ocasião, para composição de seu quadro docente foram realocados, de demais instituições escolares, professores considerados eficientes (SANTA CATARINA, 1920. *Apud.* SILVA, 2006, p. 182). Para Silva (2006), o projeto materializado pela recorrente inauguração de Grupos Escolares a partir da década de 1910 ilustrou os anseios governamentais de não apenas escolarizar a população, mas de se inserir nos parâmetros de modernidade que se ligavam ao regime republicano. Desse esforço, pois, fez parte a inauguração e aparelhamento do Grupo Escolar Hercílio Luz, ao sul de Santa Catarina.

Porém, a despeito do aparelhamento da biblioteca da instituição, o percurso de leitora de Eufrásia cedo se apartou do universo escolar. Tão logo a colecionadora terminou o Ensino Complementar, começou a trabalhar como costureira. A partir de então, com maior poder aquisitivo, passou a comprar mais livros e, conseqüentemente, a ler mais. Pouco tempo depois, se casou. E foi do marido que recebeu outros tantos livros que deram corpo à sua biblioteca.

Historicizar uma experiência de leitura e tomar uma série de livros oriundos de um arquivo pessoal como fonte fez necessário historicizar também a leitora e sua relação com a leitura escolarizada. Coube, pois, desnaturalizar a relação entre leitura e escola, entendendo que o meio de circulação de impressos na pacata cidade do interior catarinense era maior do que pensava. É necessário, portanto, matizar a centralidade da instituição escolar na formação dessa leitora.

Também no esforço de historicizar coleção e colecionadora coube fazer à série documental um duplo questionário: como *objeto de investigação* e como *objeto material*. Nesse sentido, cabe entender a pedagogia como um sistema de regras capaz de regular diferentes impressos de destinação escolar e não escolar, mas sem considerar este sistema absoluto. É, portanto, vital colocar a escola em seu meio e entender o tipo de relações ela traça (CARVALHO, 1999). No caso de Eufrásia, a escola não foi seu lugar de alfabetização primeiro e tampouco o repositório de onde retirava seu material para leitura. Foi, conforme seu depoimento, uma instituição cuja passagem foi marcada pela certificação de alguns conhecimentos organizados, mas que pouco influenciaram nos seus gostos e afinidades leitoras.

Seu percurso de leitura e a formação de sua biblioteca dão, por essa via, elementos para questionar a monumentalidade e centralidade das experiências de escolarização proporcionadas pelos Grupos Escolares na primeira metade do século. Apesar da recorrente referência à criação, aparelhamento e expansão dos mesmos em relatórios de governadores, de membros da inspetoria, mensagens oficiais e notícias de jornais, a instituição escolar não foi a única via de contato com o universo da cultura escrita. Sua legitimidade como instituição formadora de leitores, pois, ainda se aquilatava em meio ao espaço urbano. É, portanto, necessário considerar as experiências de escolarização como parte de mais experiências de formação e leitura que lhes eram externas.

Nesse sentido, o estudo de bibliotecas pessoais contribui para um tratamento ampliado do problema histórico ao aquilatar outras lógicas de leitura que não a institucionalizada no espaço escolar. É, portanto, um objeto de estudo válido para entendimento das formas pelas quais a cultura escolar dialogou com demais culturas que lhe são contemporâneas. Há, porém, outra clivagem a ser levada em conta no caso de bibliotecas cuja acumulação, organização e acondicionamento foi mobilizada por mulheres já que seu estudo permite acessar um universo de leitura condicionado ao espaço doméstico e à formação de uma sensibilidade específica. A esse respeito, são válidas as ponderações de Perrot ao tematizar o trabalho e a

ocupação das mulheres nas cidades francesas. Para ela, o cerceamento do espaço público e do poder de fala operou confinando as mulheres a uma sociabilidade privada, predominantemente doméstica (PERROT, 2005, p. 326). Essa lógica de organização do espaço urbano atuou delimitando lugares para a ocupação feminina e estabelecendo uma dicotomia entre seus espaços em relação aos lugares masculinizados. Foi, conforme a autora, essa divisão binária da urbe que operou como organizadora do espaço social francês (PERROT, 2005, p. 355).

Há, portanto, um caráter político, histórico e biográfico dessa coleção que dialoga com configurações sociais do espaço urbano e da cultura escolar vigente. A operacionalização da análise de coleções dessa natureza permite pensar formas específicas de preservação de uma memória e de projeção de perspectivas a respeito do futuro, promovendo a circulação de uma representação de mundo por meio da posse de livros (CUNHA; PHILIPPI, 2011, p. 302-315). Nesse movimento, a biblioteca pessoal é entendida como uma forma de interação do colecionador com a configuração social que o abriga e também de uma projeção de si. No caso de Eufrásia, a coleção assinala para uma formação de uma sensibilidade pensada para o espaço doméstico e voltada, por conseguinte, para uma lógica familiar que era socialmente estabelecida como o espaço a ser ocupado pelas mulheres.

Para acessar essa leitora, foi composta uma série de livros a partir de sua biblioteca. Optou-se pela apresentação da Eufrásia que compôs a coleção “Biblioteca das Moças” entre os anos de 1948 e 1958. Ao longo desses dez anos, a colecionadora acumulou vinte e cinco livros da coleção, editados pela Companhia Editora Nacional em dois levantes de publicação. Um deles é datado nas primeiras páginas das edições e situa-se entre os anos de 1946 e 1949; o outro não possui data publicada no livro, mas infere-se que seja de pouco tempo depois devido ao seu melhor estado de conservação e às características do projeto gráfico.

A coleção “Biblioteca das Moças” era composta por aproximadamente 176 volumes de autores diversos editados pela Companhia Editora Nacional, sediada em São Paulo. Suas obras eram traduzidas, principalmente, do francês e do inglês com datas de publicação entre os anos de 1920 e 1960 (KIRCHNER, 2013). Seus enredos voltados à lógica doméstica de formação para o casamento e manutenção da lógica familiar ganharam espaço em meio a uma configuração de aumento da alfabetização feminina e de expansão do espaço urbano. Ainda nessa lógica, é importante ressaltar que:

Com a entrada no século XX frente à construção de um novo estado republicano, o país precisa[va] lidar com a ideia de civilizar por meio da educação, fórmula expandida por todo mundo sob o signo do progresso técnico e científico. No bojo dessas mudanças, a mulher conquist[ou] espaços e direitos até então masculinos, ampliando sua atuação além do espaço doméstico (KIRCHNER, 2016, p. 46).

Em que pese, porém, a retórica republicana de expansão da escolarização e da alfabetização, o espaço feminino permaneceu delimitado, já que:

enquanto a educação do homem voltava-se para sua atuação profissional, a educação da mulher permanecia matizada por sua condição biológica, como formadora e companheira bem-educada. A educação da mulher surge mais como uma marca de distinção e de civilidade que de emancipação (KIRCHNER, 2016, p. 46).

Essa segregação dos espaços e papéis atribuídos respingou no rol de leituras a ser destinado a homens e mulheres. É por essa via que é possível entender o foco editorial na publicação de séries de romances e na formação de coleções voltadas às leitoras. A essa configuração soma-se o barateamento do preço dos impressos, o reiterado uso de estratégias de publicidade e venda, o aumento do número de livrarias e a publicação de livros em formato de coleções. Para, além disso, a organização de livros em coleções como estratégia editorial voltada ao público leitor feminino atuou veiculando uma representação específica de mulher (CUNHA, 1993, p. 55) num “eco moral dos contos de fada” fortemente vinculados aos ritos próprios do catolicismo (CUNHA, 1993, p. 56). Atuou, assim, reforçando o vínculo entre a atividade feminina e a existência doméstica, sendo:

o espaço privado próprio da mulher heroína. (...) No público, a atuação da mulher era basicamente como professora, (...) [e] o território conjugal era considerado como um eixo que norteava os outros territórios da existência. (...) A mulher aparece, assim, presa à família e a tudo que ela simbolizava em termos de valores, [sendo] um elemento a mais na hierarquia familiar, não havendo espaço para sua individualização (CUNHA, 1993, p. 58).

Para, além disso, as abordagens narrativas endossadas pela coleção “Biblioteca das Moças” atuaram em uma construção cultural de relações de gênero pela via da “busca do paraíso” por meio do matrimônio. Ao se referir sobretudo às obras assinadas por Madame Delly, Maria Teresa Santos Cunha (CUNHA, 1998, s/p) destaca que:

nelas, códigos de moral, valores e condutas iam sendo expressos nos comportamentos dos protagonistas e pareciam ter o claro intuito de

envolver a leitora e fazê-la adquirir as maneiras e os discursos que engendrariam o reconhecimento de ser mulher: uma mulher que reunisse a mãe dedicada, a esposa exemplar e a dona de casa perfeita, vivendo sob um esquema de mundo simplificador e sem quaisquer conflitos, sejam sociais, de classe ou de dinheiro, já que os fatos narrados nunca apareciam como resultado das contradições econômicas ou das diferenças de classe e, sim, como consequência inevitável da luta entre os bons e os maus (CUNHA, 1998).

Também essa autora destaca a influência de tais obras na educação dos sentidos de suas leituras, imprimindo a elas uma determinada visão de mundo que, embora não fosse completamente interiorizada, atuava na formação de sua subjetividade (Ibidem). Assim sendo, a prática de colecionismo que abrigou, dentre demais volumes, uma série editorial dessa coleção faz pensar sobre o tipo de sensibilidade que foi ensinada à Eufrásia, o ambiente de leitura urbano ao qual se articulou e o tipo de narrativa com a qual conviveu.

A composição da série documental de vinte e cinco livros da “Biblioteca das Moças” envolveu, pois, reordenar os documentos no espaço de pesquisa e considerar sua configuração social de produção, circulação e leitura. Apartados de seu uso, eles foram reorganizados e receberam outro sentido de acordo com as perguntas feitas pelo pesquisador. Interessou estabelecer uma série e identificar nela o desvio, o heterogêneo, para que assim a história exerça sua função de crítica (CERTEAU, 2011). Assim sendo, optou-se pelo recorte em uma coleção específica na tentativa de circunscrever uma experiência de leitura pela via dos rastros dos usos feitos do impresso. Interessou também nuançar a presença desse tipo de literatura no arquivo pessoal de uma colecionadora cuja experiência leitora se deu, em sua maioria, mobilizada por elementos diferentes dos propostos pela lógica da instituição escolar.

Algumas questões foram colocadas para análise da série documental. Foram elas: quais foram os usos feitos desses impressos, e que informações eles me permitem acessar sobre sua dona? Quais rastros de seus hábitos de leitura podem ser acessados? Trocando em miúdos: qual a dimensão biográfica de um arquivo pessoal e como ela pode ser operacionalizada como fonte para entendimento de excertos de uma vida e sua relação com esse universo específico de leitura?

Traços de leituras

“A biblioteca que nos tem” (MINDLIN, 1997, p. 137)

“Esses livros eram meus filhos”: ensaio de análise de uma biblioteca pessoal

Na epígrafe supracitada, José Mindlin tece elucubrações sobre as nuances das relações de posse entre biblioteca e colecionador. Ele, ao se referir à soma de livros adquiridos ao longo de uma vida, alega que é a biblioteca que o possui. Essa relação, também para ele, diz respeito à forma como a relação com o impresso altera suas percepções de mundo e, concomitantemente, ocupa cada vez mais espaço físico. Logo era, pois, a biblioteca que possuía a ele e a sua família.

Embora Eufrásia tenha se referido, no momento de doação da coleção, aos livros como “seus filhos”, também nesse caso as relações de propriedade apresentaram algumas especificidades. Em que pese a mediação financeira necessária para aquisição das obras, ela traz consigo a marca do seu rastro profissional. Isso ocorre já que, conforme informado pela colecionadora, a maioria de sua biblioteca foi adquirida somente após iniciar uma atividade remunerada, o que a permitiu comprar os livros pelos quais se interessava. Também aqui se faz presente uma importante marca dessa coleção: ela não somente não foi mobilizada pela leitura escolarizada como tampouco foi adquirida para fins de uso didático. Tratava-se, portanto, de uma coleção pensada para a leitura de fruição.

A coleção “Biblioteca das Moças”, representada nos vinte e cinco exemplares mapeados no arquivo pessoal de Eufrásia, assinala para a preferência por uma leitura voltada especificamente para o público feminino. Por conseguinte, era também pensada para o espaço doméstico e para a formação de uma sensibilidade voltada ao matrimônio com fortes tons católicos. Esses cortes se fizeram ver em pistas na materialidade da série de livros. Assim sendo, seu caráter doméstico e de fruição se fizeram ver pela recorrência das dedicatórias e pela presença de traços intensivos de uso da leitora.

Conforme as palavras de Roger Chartier, a dedicatória é investida de uma função ritualística. Por conseguinte, trata-se de:

um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada (...). Na cena de dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe, do poderoso ou do ministro (CHARTIER. *Apud*. CUNHA, 2009, s/p).

A dedicatória assinala, inevitavelmente, para o uso do impresso como uma forma de presentear e demarca o trânsito da obra em direção ao futuro colecionador. Tem, portanto, a marca de um ofertório. Para entendimento desse objeto, a dedicatória é entendida como uma “marca de leitura” (CUNHA, 2009) ao passo que dá pistas da relação entre o objeto impresso e sua leitora. Do total de

vinte e cinco livros cuja análise dá corpo a esse artigo, dezessete apresentaram alguma inscrição de Eufrásia ou de seu marido, Pedro. Essas marcas, feitas no ato do recebimento ou da leitura, dão pistas sobre o trânsito desses impressos e a afetividade do qual foram circundados.

Por meio da biblioteca de Eufrásia, foram acessados exemplares de duas diferentes levas editoriais da “Biblioteca das Moças”. Nenhuma das duas encontrava-se completa, de modo que a análise ficou restrita aos livros que a ela adquiriu. Nas duas, percebem-se diferenças na apresentação das informações e na organização da capa. Contudo, o conteúdo do livro permaneceu inalterado.

Na primeira leva editorial, com datas de publicação de finais da década de 1940, as ilustrações das capas mostraram pouca conexão com o enredo do livro. Retrataram cenários esfumados em cuja maioria as figuras humanas dividiam espaço com a natureza morta. Lembavam, pois, telas de pinturas clássicas. A segunda leva de publicações ganhou espaço nas livrarias a partir da segunda metade da década de 1950. Nela, a jovialidade das capas é aquilatada pela centralidade das figuras humanas, comumente fazendo referências a personagens do enredo. Também nelas os traços da ilustração são firmes e as cores são chamativas, aproximando-se das imagens publicitárias assinaladas nos jornais da época.

A diferença estilística entre as edições das décadas de 1940 e 1950 assinala para a renovação do público leitor e para as novas condições de publicação das coleções. Recrudesce, pois, a tentativa de propor uma imagem de jovialidade para a leitora da “Biblioteca das Moças” e de relacionar uma ilustração a cada romance específico. Merece também destaque a alteração dada à disposição do nome do tradutor em ambas as levas editoriais. Na primeira, seu nome é apresentado já na capa da obra. Nas publicações datadas da década de 1950, ele se faz ver apenas em página de rosto.

Mais do que uma mera formalidade, a *rede de sociabilidades* que alinhavou as relações entre editores e tradutores se fez presente também na editoração da “Biblioteca das Moças”. Um exemplo é a recorrente atuação de Godofredo Rangel, que assinou treze traduções dentro da coleção. Desses, três romances foram traduzidos entre 1928 e 1929, quando seu amigo Monteiro Lobato era sócio da Companhia Editora Nacional, responsável por sua publicação (KIRCHNER, 2016, p. 76). Assim sendo,

possivelmente, ter o nome circulando como tradutor em uma coleção da Companhia Editora Nacional atendia ao propósito tanto de tornar o autor conhecido quanto de atribuir qualidade à obra traduzida através de um nome já consolidado no meio literário. Certo é que a qualidade das traduções sempre era reforçada por meio de propagandas ou mesmo nas contracapas dos próprios romances (KIRCHNER, 2016, p. 76).

Portanto, traduzir obras de ampla circulação em grandes editoras foi também uma forma de dar visibilidade a autores por vezes pouco conhecidos. A qualidade da investida, conforme citação, foi amplamente reforçada nas próprias edições⁴. Em pesquisa realizada na biblioteca do Instituto de Educação Carlos Gomes, levantou-se um número de 71 tradutores da coleção. Dentre eles, cinquenta traduziram somente um ou dois romances. Ainda conforme esse levantamento, entre os tradutores com maior participação listam-se nomes como os de Godofredo Rangel, Ligia Estrada, Tati A. de Mello, Lígia Junqueira, Mário Sette e Maslowa Gomes Venturi (KIRCHNER, 2016, p. 77).

A noção de rede de sociabilidades (SIRINELLI, 1996, p. 231-269) permite nuançar os inventários das alianças sociais e das agremiações intelectuais. Cabe, portanto, entender os significados em disputa nas escolhas de tradutores de obras estrangeiras de ampla circulação como uma tentativa de catapultar carreiras literárias ou de favorecer a venda das obras. Para além disso, a composição e venda reiterada de coleções voltadas a um público específico se fez em um momento de expansão da instrução pública. Apesar de Eufrásia cedo ter se apartado do universo de leituras de cunho didático e de ter experienciado sua alfabetização fora dos muros escolares, editoras como a Companhia Editora Nacional tiveram seu público e seu capital fiados na produção de obras educacionais.

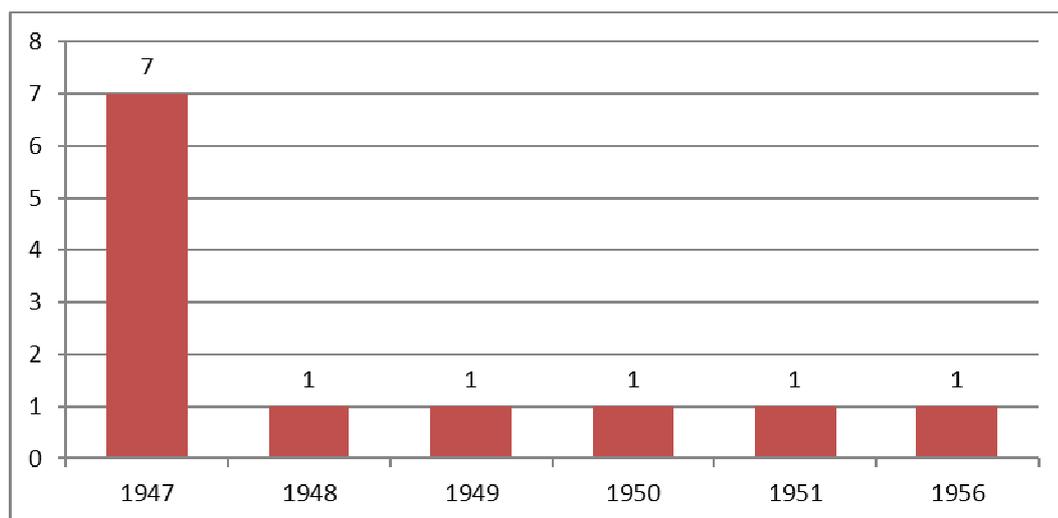
Assim sendo, mais que tomar estas mudanças como casualidade, cabe também entendê-las como meios de direcionar o impresso a seu público e de sancioná-lo através da apresentação do nome de seu tradutor. Entendem-se, por sua vez, as novas ilustrações como meio de contemplar o padrão de consumo estético das moças da época e o deslocamento de informações sobre o tradutor como uma mudança da influência que este exercia no giro da obra. Dos vinte e cinco livros da série documental, apenas três eram do segundo levante editorial. É, portanto, possível inferir que a leitora Eufrásia se ocupou da “Biblioteca das Moças” em um momento específico de sua vida, não mantendo a assiduidade na compra da coleção posteriormente e não adquirindo assim muitos números da nova leva. Isso,

possivelmente, se deve ao aumento das demandas da vida doméstica após os primeiros anos de casamento, sobretudo após o nascimento dos filhos.

As marcas de leitura presentes em seu arquivo pessoal são, majoritariamente, dedicatórias ou assinaturas. As primeiras são invariavelmente feitas por Pedro, marido da jovem Eufrásia. Dos 17 (dezesete) livros com marcas, onze possuíam dedicatórias. Destas, oito eram do esposo. Escritas à mão entre os natais de 1948 e 1949, têm como conteúdo palavras de afeto seguidas de data. Uma delas tem data do dia vinte e cinco de dezembro de 1948. As outras sete circunscrevem-se ao natal do ano seguinte, o primeiro passado na condição de casados. Paraphraseando os dizeres do próprio Pedro, presentes dados para “nunca esqueceres do primeiro⁵”. As demais dedicatórias⁶ marcaram os livros como uma oferta da “tia Chiquita” na comemoração do seu aniversário do ano de 1958. Os três livros trazem, na folha de rosto, breve marca “lembrança da tia Chiquita”, seguida de data.

No que se refere às datas de publicação, em poucos livros ela vem impressa declaradamente. Isso ocorre em doze livros de um universo de vinte e cinco, e sua distribuição se dá da seguinte forma.

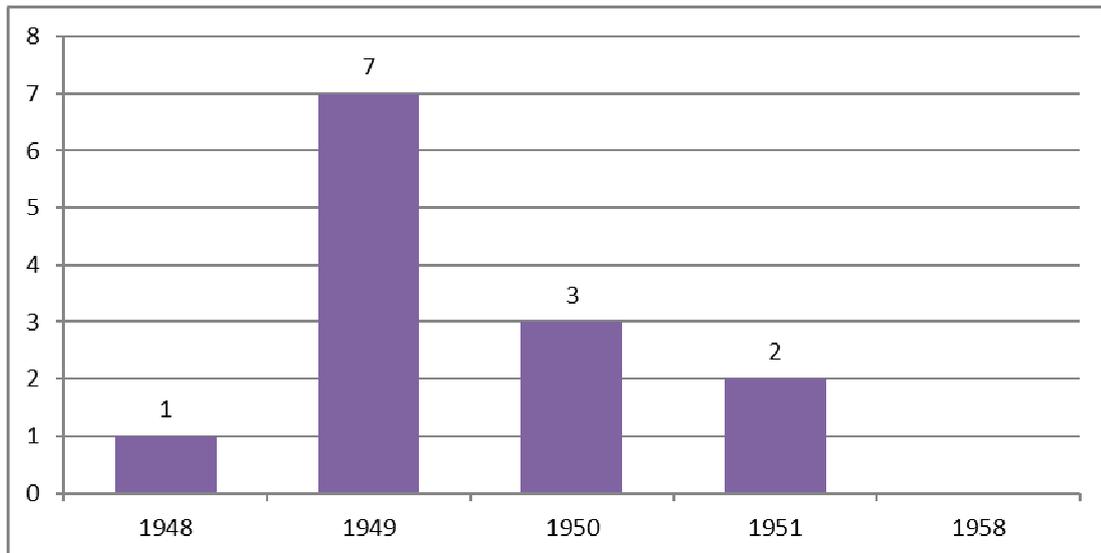
GRÁFICO 1: Número de livros distribuídos segundo ano de publicação, impresso em folha de rosto



Outro recurso para inferir datas de acesso ao livro foi o uso da data marcada em dedicatórias e assinaturas. Tal análise permitiu acessar a data de compra

quando essa não era disponibilizada na página de rosto e também cotejar a data de publicação e compra do livro.

GRÁFICO 2: Número de livros distribuídos segundo ano, apresentado em dedicatória ou assinatura



Dos dezessete livros possuidores de marcas de leitura, pode-se rastrear um conjunto de datas que se estendem de 1948 a 1958. Sete itens deste universo aglomeravam-se nas dedicatórias de Pedro Luiz no Natal de 1949, sendo que as outras datas distribuíram-se com maior intervalo entre si. Cabe destacar que, em três casos (BARCLAY, 1948; RUCK, 1949; DELLY, 1951) nos quais foram acessadas a data impressa em folha de rosto e também a data apresentada em marca de leitura, os anos de edição e de compra coincidia. Nos demais casos a diferença entre uma data e outra não ultrapassou quatro anos. Isso permite inferir ser a cidade de Tubarão um polo com acesso razoavelmente rápido às publicações das grandes editoras. Faz-se possível também refletir sobre as condições de acesso ao livro fora do ambiente escolar. Existia, pois, um mercado nascente e dono de uma dinâmica própria do qual Eufrásia fazia parte como consumidora e também como um sujeito ativo, já que ela – e os demais leitores da época – movimentava não apenas um comércio, mas um hábito de consumo que torna o ato de presentear com livros um sinal de afeto.

Eufrásia, desse modo, acumulou seus vinte e cinco livros da “Biblioteca das Moças” entre os anos de 1948 e 1958. Egressa do Grupo Escolar Hercílio Luz, tornou-se consumidora assídua assim que recebeu os primeiros salários. A leitura

passou a ocupar a esfera doméstica e afetiva. Livros eram sinônimo de prazer e um sinal de afeto, sendo este último evidenciado pela presença de marcas de leitura. Segundo a leitora, o local favorito de leitura era a cama, onde repousava após um dia de trabalho. Não era raro, portanto, que adormecesse de óculos e livro em mãos. Quem sempre os retirava – os óculos e os livros – com todo o cuidado, era Pedro Luiz.

Epílogo

Sinto-me mais como um depositário do que um proprietário, usufruindo, é verdade, o prazer que [os livros] proporcionam, mas visando preservar uma herança do passado, e conservar o que se faz de bom agora, com o propósito de transmitir tudo isso para o futuro. (MINDLIN, 1997, p. 213-214)

É novamente José Mindlin quem propõe elaborações a respeito da relação entre bibliotecário e biblioteca, colecionador e coleção. Para ele, a relação é mais de salvaguarda que de posse, já que lhe interessa a preservação de uma determinada memória do passado materializada no rol de livros que foi capaz de acumular. Em que pesem as já listadas especificidades das experiências de leitura e coleção que distinguem José Mindlin de Eufrásia, ambos extrapolaram em suas falas a relação de propriedade com suas coleções. Para a última, seus livros eram “seus filhos”, ocupando assim um espaço central no seu território dos afetos e da sua vida doméstica. Mas, para, além disso, seu arquivo pessoal foi aqui tomada como fonte e objeto para pensar a elaboração de subjetividades femininas pela via de uma leitura não necessariamente escolarizada. Requereu-se, para tanto, o aparelhamento teórico e metodológico para operacionalização dessa análise.

São ainda nascentes, na História da Educação, as investidas de pesquisa que tematizam como objeto ou fonte as bibliotecas pessoais. Em que pesem iniciativas como as de Maria Teresa Santos Cunha e Flávia Freitas de Souza (CUNHA; SOUZA, 2015), a maior parte das pesquisas do campo se ocupa dos chamados *arquivos escolares*⁷. Ademais, mesmo nas análises de cadernos e coleções, elas comumente se prendem aos arquivos de professores e alunos. São, portanto, arremetidos pela lógica da escolarização institucionalizada.

O acesso a bibliotecas pessoais, principalmente as constituídas conforme as lógicas de ocupação do espaço privado, é dificultado pelo seu caráter não

“Esses livros eram meus filhos”: ensaio de análise de uma biblioteca pessoal

institucional e pela efemeridade de sua organização. Cabe, portando, amadurecer categorias⁸ para entendimento das bibliotecas pessoais constituídas na intimidade e que, devido a sua configuração social, têm suas marcas também dadas pela presença de leituras apresentadas como femininas. Vale, a esse respeito, destacar que o espaço escolar institucionalizado se apropria e replica excertos da lógica de ocupação do espaço urbano, que tem sua ocupação marcada também por critérios de gênero.

Cabe, também a título de considerações finais, ressaltar que a “Biblioteca das Moças”, com seus enredos adocicados e declaradamente voltados a um crescente público leitor feminino, atuou na formação de uma sensibilidade específica (Os nomes das autoras fazem suspeitar que sejam pseudônimos. Talvez até de homens). Dela faziam parte estereótipo de um ideário romântico e o enaltecimento de uma determinada postura circunscrita ao espaço doméstico. A esse respeito, vale destacar que o estabelecimento dessa educação dos sentidos não operou de maneira soberana, já que se entende que todo o leitor é sempre sujeito de leitura e de uma apropriação da obra que tem em mãos.

Nessa escrita foi também matizado o papel da escola na formação de leitores na primeira metade do século XX no universo de pesquisa da cidade de Tubarão. Embora a amostra seja pequena, essa constatação é válida para desnaturalizar a relação comumente posta entre leitura e escola, e entre aprendizado desta e uma alfabetização escolarizada. Estudar a escola – e, sobretudo, estudar gente na escola – mostrou-se um exercício de pôr em relação. Nestas relações, a escola é um componente, e deve ser considerada como tal.

Por fim, vale destacar que se, para Chartier (2009, p. 35), a articulação entre obras singulares e representações é uma das questões comuns aos diferentes enfoques da História Cultural⁹, salienta-se que estudar a historicidade de um impresso é considerá-lo como fonte e como objeto preñado de materialidade. Nesta equação, o sujeito leitor é polo importante, pois nele reside a apropriação, ponto chave para apreender como se move gente no mundo. Ou como se move gente nos livros.

NOTAS

1. Dados biográficos levantados em conversas informais com a colecionadora, no momento de doação da biblioteca. Ela foi entregue à autora deste artigo em 2015 e hoje compõe o acervo da autora.

2. Também nas páginas do jornal A Gazeta é destacada a melhora nas condições de rodagem das vias rodoviárias que ligavam Tubarão à capital catarinense, Florianópolis. Ainda nas páginas do jornal se anuncia que “a estrada de rodagem Tubarão – Florianópolis, antes do advento da Revolução de 30, era um problema de difícil solução pois levava quase dois dias e atualmente é uma delícia aos viajantes” (VIAS DE COMUNICAÇÃO, 1935, s/p).
3. Conforme o Regulamento das Escolas Complementares do Estado (aprovado em 11 de junho de 1911), “as escolas complementares se destinam a facilitar a habilitação dos candidatos ao professorado”, sendo facultadas a candidatos de ambos os sexos egressos dos Grupos Escolares. Com duração de três anos, destina-se ao provimento docente das escolas isoladas no estado (SANTA CATARINA, 1911, p. 5-7).
4. Um exemplo é a propaganda veiculada na contracapa do exemplar *Amor fiel* (1959), de autoria de Carol Gaye, e tradução de Beatriz de Vicenzi (KIRCHNER, 2016).
5. Dedicatória escrita à mão na folha de rosto do seguinte livro: MERELL. *Qual dos três?*.
6. As dedicatórias de tia Chiquita se encontram nos seguintes livros: DYVONNE. *O rapto de Jadette*; GLYN, 1956; GLYN. *Ressuscitada pelo amor*.
7. Conforme o Manual de Trabalho em Arquivos Escolares (2004), “para os historiadores, tudo aquilo que servir como registrou de informações históricas também é considerado documento” (p. 11). Os arquivos escolares, por sua vez, “são constituídos pelo conjunto de documentos produzidos e recebidos em decorrência de atividades diárias de professores, funcionários, alunos” (p. 11).
8. Maria Teresa Santos Cunha (2019) trabalhou com a categoria “documentos da intimidade” para entender a escrita de si em diários, cartas e cadernetas de mulheres no início do século XX. Ainda que a autora não tematize bibliotecas pessoais, trava o esforço de aproximação do espaço doméstico de leitura e escrita e propõe chaves para o entendimento dos usos que as mulheres fazem dos impressos.
9. Ainda para Chartier: “a historicidade primordial dos textos decorre do cruzamento entre categorias de atribuição, designação e classificação dos discursos próprios de um tempo e de um lugar, e a sua materialidade, compreendida como a modalidade de sua inscrição na página ou de sua distribuição no objeto escrito (2009, p. 37)”.

FONTES

Coleção “Biblioteca das Moças”

BARCLAY, Florence L. *Enquanto é tempo de amar*. São Paulo: Nacional, s.d.

BARCLAY, Florence L. *Amor pelo telefone*. São Paulo: Nacional, 1948.

BRAME, Charlotte M. *A Aliança Partida*. São Paulo: Nacional, s.d.

BRAME, Charlotte M. *Sacrificada*. São Paulo: Nacional, 1946.

CHRISTIE, May. *Luana*. São Paulo: Nacional, 1947.

CHRISTIE, May. *O jardim do desejo*. São Paulo: Nacional, 1947.

DYVONNE. *O rapto de Jadette*. São Paulo: Nacional, s.d.

GLYN, Elinor. *Tudo se paga*. São Paulo: Nacional, 1956.

GLYN, Elinor. *Ressuscitada pelo amor*. São Paulo: Nacional, s.d.

- GLYN, Elinor. *Fogo de amor*. São Paulo: Nacional, s.d.
- LEMAIRE, Eveline. *Noivo desconhecido*. São Paulo: Nacional, 1947.
- LOWDES, Marie Belloc. *Paixão e Sangue*. São Paulo: Nacional, s.d.
- M. DELLY. *A casa dos Rouxinóis*. São Paulo: Nacional, s.d.
- M. DELLY. *Magali*. São Paulo: Nacional, s.d.
- M. DELLY. *A vingança de Ralph*. São Paulo: Nacional, 1947.
- M. DELLY. *No silêncio da noite*. São Paulo: Nacional, 1951.
- M. DELLY. *Alma em flor*. São Paulo: Nacional, 1947.
- MERELL, Concordia. *A maltrapilha*. São Paulo: Nacional, s.d.
- MERELL, Concordia. *Qual dos três?* São Paulo: Nacional, s.d.
- REED, Myrtle. *Serenata*. São Paulo: Nacional, 1950.
- RUCK, Berta. *A ladra*. São Paulo: Nacional, 1949.
- RUCK, Berta. *Medo do amor*. São Paulo: Nacional, 1947.
- RUCK, Berta. *Sorte em amor*. São Paulo: Nacional, s.d.
- SANDYS, Oliver. *A Garota*. São Paulo: Nacional, 1947.
- WIRTA, M. *Nina Rosa*. São Paulo: Nacional, 1946.

Jornais

- INSTRUÇÃO PÚBLICA. *A Gazeta – A voz do povo*. Sem quaisquer ligações políticas. Florianópolis, 25 de dezembro de 1935. Ano II, número 400. S/p.
- VIAS DE COMUNICAÇÃO. *A Gazeta – A voz do povo*. Sem quaisquer ligações políticas. Florianópolis, 25 de dezembro de 1935. Ano II, número 400. S/p.

Legislação

- SANTA CATARINA. *Regulamento das Escolas Complementares do Estado de Santa Catarina*. Aprovado pelo Decreto 604, de 11 de junho de 1911. Florianópolis: Gabinete Tipográfico O Dia, 1911. Repositório UFSC. Disponível em file:///C:/Users/carol/Documents/2020.1/Artigos%20e%20fichamentos/Regulamento_das_escolas_complementares_decreto_604_11_07_1911.pdf. Acesso em: 14 abr. 2020.

REFERÊNCIAS

- BIBLIOTECA Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/hist%C3%B3ria/#jose-e-guita-mindlin>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CARVALHO, Marta. Por uma História Cultural dos saberes pedagógicos. In: CATANI, Denice Barbara; SOUZA, Cynthia P. *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1999, p. 31-41.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Lemos Britto de Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: GEN; Forense-Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa de guardar...: homens de letras e acervos pessoais. In: *(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente*. São Paulo; Florianópolis: R. Copetti Editor, 2019, p. 17-30.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SOUZA, Flávia de Freitas. *Viver e escrever: cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (século XX)*. Florianópolis: Insular, 2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos; PHILIPPI, Carolina Cechella. Uma biblioteca sem ordem – figuras em torno do acervo de livros de um intelectual do século XX. In: RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo (org.). *Cultura e memória: os usos do passado na escrita da história*. Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural; UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 302-315.

CUNHA, Maria Teresa. *Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60 / século XX)*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina; UDESC, 2009.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Mulheres e romances: Uma intimidade radical. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 19, n. 45, 1998.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Biblioteca das Moças: contos de fada ou contos de vida? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 85, p. 55-62, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GONÇALVES, J. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo.

KIRCHNER, C. A. S. M. Leituras e leitores da Coleção Biblioteca das Moças: pontos para uma pesquisa a partir das marcas de leitura feitas por normalistas. In: *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação*. Cuiabá, 2013.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

NOSSA HISTÓRIA. EEB. Hercílio Luz. Disponível em <http://eebhercilioluz.blogspot.com/p/nossa-his.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PERROT, Michelle. *As mulheres, ou, os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SANTOS, Cássia dos. Vidas entre livros: Plínio Doyle e José Mindlin. *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 34, n. 66, p. 143-151, 2016.

SÃO PAULO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Manual de trabalho em arquivos escolares*. Elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. São Paulo: CRE Mário Covas.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 341-376.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Rene (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 231-269.

Carolina Cechella Philippi é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pedagoga no Setor Sócio Pedagógico do Colégio Técnico de Limeira (COTIL/ UNICAMP).

Como citar:

PHILIPPI, Carolina Cechella. “Esses livros eram meus filhos”: ensaio de análise de uma biblioteca pessoal. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 110-129, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.